

Revista de Literatura,
História e Memória

Dossiê Literatura, Diálogos
Transversais e Memória

ISSN 1983-1498

VOL. 12 - Nº 20 - 2016

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 83-95

MEMÓRIA, HISTÓRIA E FICÇÃO: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE ESSA TRÍADE NO CONTO *UM HOMEM QUE QUERIA ELIMINAR A MEMÓRIA*, DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

Andréa Cristina de Paula¹

RESUMO: Este artigo² objetiva, a partir do conto *Um homem que queria eliminar a memória*, de Ignácio de Loyola Brandão, refletir sobre a memória à luz da teoria proustiana e de outros desdobramentos conceituais acerca da tríade história, memória e ficção, relacionando, sempre que possível, a narrativa de Loyola ao conto *Funes, o memorioso*, de Jorge Luís Borges, e a outros textos – literários ou não –, como forma de enriquecer tal reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Memória Involuntária; História; Ficção; *Um homem que queria eliminar a memória*

ABSTRACT: This article aims, from the short story *Um homem que queria eliminar a memória* of Ignacio de Loyola Brandão, reflect on the memory in the light of Proustian theory and other conceptual developments about the history triad, memory and fiction, relating, always possible, Loyola narrative the story *Funes o memorioso* by Jorge Luis Borges, and other texts - literary or otherwise - as a way to enrich this reflection.

KEYWORDS: Involuntary memory; History; Fiction; *Um homem que queria eliminar a memória*

Amar o perdido/deixa confundido/este coração.

Nada pode o olvido/contra o sem sentido/apelo do Não.

As coisas tangíveis/tornam-se insensíveis/à palma da mão.

Mas as coisas findas,/muito mais que lindas,/essas ficarão.

Memória (Drummond, 2010)

Pretende-se refletir sobre a memória no conto “Um homem que queria eliminar a memória”, de Ignácio de Loyola Brandão, entendendo-a como Carlos Drummond de Andrade (2010) a retrata no poema que introduz este texto, isto é, como uma lembrança involuntária que se impõe frente ao emblema do esquecimento.

O poema *Memória* do poeta mineiro representa a abordagem teórico-metodológica que se pretende seguir para proceder à análise do conto, uma vez que a poesia de Drummond apresenta a memória como a define Proust, isto é, fragmentada, já que o “passado que ressurgue é descontínuo e fragmentário, de onde apenas um pequeno número de lembranças é resgatado do ‘edifício imenso da recordação’” (cf. PROUST, apud CAMARGO, 2009). Nesse sentido, frente à “confusão”, fruto da descontinuidade da memória, o eu lírico do texto *Memória* se mostra consciente da impossibilidade de resgate total do passado, do qual apenas permanecem “as coisas findas”, estas que podem ser associadas à memória involuntária, definida por Proust como lembrança espontânea, e, por isso, imprevisível.

Sobre o conceito proustiano de memória involuntária, Fernando Py, no prefácio da obra *Em busca do tempo perdido*, esclarece:

É nesse ponto que intervém a Memória, outro tema básico da obra de Proust. Não a memória comum, produto da nossa inteligência, e que a um mínimo esforço nos restitui fatos já passados. Pois esta memória, que depende da nossa vontade, é como um simples arquivo: fornece apenas fatos, datas, números e nomes. Mas não as sensações que experimentamos outrora e que não habitam a nossa consciência. Tais sensações jazem mais fundo e só são despertadas pelo que Proust denominou memória involuntária: é a que não depende do nosso esforço consciente de recordar, que está adormecida em nós e que um fato qualquer pode fazer subir à consciência (PY, 2006).

Nessa ótica, ao contrário da memória voluntária, que é comumente denominada memória-hábito, resultante de um esforço, a involuntária é de ordem emocional e independe da vontade do indivíduo, podendo surgir por meio de estímulos sensoriais, tal como o gustativo. Em, *No caminho de Swann* – um dos romances que compõem o mencionado ciclo ficcional de Marcel Proust – por exemplo, é justamente o sabor de um biscoito que leva o narrador a se recordar de sua infância e da cidade de Combray. No que tange a esse aspecto, Flávio Pereira Camargo (2009) acresce:

É através da sensação do paladar de um pedaço de uma madelaine, embebida em uma xícara de chá, que propicia uma alegria indizível, que permite a Marcel resgatar uma imagem interior rejuvenescedora: a lembrança visual ligada ao sabor desse biscoito, quando ia, pela manhã, aos domingos, ao quarto de tia Léonie, dar-lhe um beijo antes

de sair para a missa.

Dessa forma, o passado não vem de forma totalitária, plena, mas plástica, incerta, como sonhos que se reorganizam. A memória é, pois, seletiva e não uniforme e desempenha, como assegura Le Goff (1992), papel relevante na formação da identidade individual e sócio-histórica do indivíduo.

Entretanto, não é esse caráter fragmentário da memória que se observa no conto *Funes, o memorioso*, de Borges, uma vez que a narrativa conta a história de Irineu, um homem a quem foi concedido o poder de tudo se lembrar. Sobre essa personagem, Gondar (2000, p. 36) resume³:

O protagonista, Funes, após sofrer um golpe na cabeça, foi surpreendido com dois talentos: uma percepção absoluta e uma memória assombrosa. Tornou-se capaz de narrar interminavelmente, e numa reprodução exata, tudo aquilo que havia lido, visto, ouvido, tocado. Cada detalhe perceptível, a cada instante, era imediatamente convertido em lembrança.

Nesse viés, em vez de selecionar, “Funes acumula registros, transformando-se em um depósito infinito de objetos, em uma réplica naturalista do universo” (SOUZA, 1999, p. 68) e, por essa razão, foi privado de sua capacidade de pensar, visto que o protagonista de nada se esquecia:

Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, entretanto, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos (BORGES, 1975, p. 118).

Em outras palavras, Funes perdeu a própria capacidade de pensar, porque esta se baseia na seleção e associação de memórias.

Se, no conto de Borges, a personagem central remete à inexistência de uma memória totalizante, o conto de Loyola expressa a incapacidade de o homem da memória se libertar totalmente. O enredo narra o desejo de um homem de que um neurocirurgião retire de seu cérebro a parte responsável pelo armazenamento da memória. A seguir, trecho do conto:

O médico:

— Sim?

— Quero me operar. Quero que o senhor tire um pedaço do meu cérebro.

— Um pedaço do cérebro? Por que vou tirar um pedaço do seu cérebro?

(...)

— Olha, a gente vai ficar o dia inteiro nesta discussão boba. E não tenho tempo a perder. Por que o senhor quer cortar um pedaço do cérebro?

— Quero eliminar a minha memória.

— Para quê?

— Gozado, as pessoas só sabem perguntar: o quê? por quê? para quê? Falei com dezenas de pessoas e todos me perguntaram: por quê? Não podem aceitar pura e simplesmente alguém que deseja eliminar a memória.

— Já que o senhor veio a mim para fazer esta operação, tenho ao menos o direito dessa informação.

— Não quero mais me lembrar de nada. Só isso. As coisas passaram, passaram. Fim!

— Não é tão simples assim. Na vida diária, o senhor precisa da memória. Para lembrar pequenas coisas. Ou grandes. Compromissos, encontros, coisas a pagar, etc.

— É tudo isso que vou eliminar. Marco numa agenda, olho ali e pronto.

— Não dá para fazer isso, de qualquer modo. A medicina não está tão adiantada assim.

— Em lugar nenhum posso eliminar a minha memória?

— Que eu saiba não.

— Seria muito melhor para os homens. O dia a dia. O dia de hoje para a frente. Entende o que eu quero dizer? Nenhuma lembrança ruim ou boa, nenhuma neurose. O passado fechado, encerrado. Definitivamente bloqueado. Não seria engraçado? Não se lembrar sequer do que se tomou no café da manhã? E para que quero me lembrar do que tomei no café da manhã?

A personagem, ao demonstrar interesse em retirar o órgão responsável pela memória, demonstra que, mais do que não querer se lembrar do passado, ela não consegue ter o total domínio de suas memórias, caso contrário, bastaria ao homem não se lembrar de nada e pronto.

Nota-se, pois, que o desejo da personagem do conto de Loyola parece ser impossível, uma vez que ela almeja viver o presente em sua plenitude, isto é, apenas em tempo real, quando o ideal seria, segundo Gondar (2000, p. 36), alternar a lembrança com o esquecimento, já que este é “necessário, não apenas para a evocação da lembrança – só lembramos porque esquecemos – mas para a própria constituição da memória”.

Já dizia Machado de Assis (1994), em seu conto *Verba Testamentária*, que “esquecer é uma necessidade; a vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa apagar o caso escrito”. Esquecer e lembrar são, então, duas faces

de uma mesma moeda.

O que Proust chama de “memória involuntária”, Freud chama de “memória inconsciente” e Benjamin, de “rememoração”. Aliás, este último termo remete ao trabalho de rememoração de Penélope, texto que compara a dinâmica do lembrar e do esquecer com a atividade de tecer e desmanchar, num processo que, segundo Gagnebin (p. 2014, p. 240):

Não se trata de tentar alcançar uma lembrança exata de um momento do passado, como se fosse uma substância imutável, mas de estar atento às ressonâncias que se produzem entre passado e presente, entre presente e passado, aquilo que Benjamin chama de ‘experiência com o passado’.

Talvez essa “experiência com o passado” fosse necessária à personagem do conto de Loyola, já que, de acordo com a autora, à luz da teoria nietzschiana, é possível que haja o “esquecimento feliz” do pretérito, seja ele marcado por tristezas ou não:

No vocabulário de Nietzsche, o esquecimento feliz é aquele que permite ir além do *ressentimento*, isto é, não um esquecimento primário e tosco, não uma amnésia ou anistia, mas um esquecimento adquirido, muitas vezes a duras penas, por um trabalho de lembrança tão profundo que permite fazer as pazes com o passado: aquilo que Freud chama de *Durcharbeitung*, de ‘perlaboração’ e que pressupõe que o labor do lembrar possa libertar o sujeito do passado (GAGNEBIN, 2014, p. 231)

Entretanto, o homem que queria eliminar a memória parece não desejar “fazer as pazes com o passado”, mas sim não mais lembrá-lo, como se pode verificar na seguinte passagem em que o protagonista argumenta: “Seria muito melhor para os homens. O dia a dia. O dia de hoje para frente. Entende o que eu quero dizer? Nenhuma lembrança ruim ou boa, nenhuma neurose. O passado fechado, encerrado. Definitivamente bloqueado. Não seria engraçado?”.

Por outro lado, de acordo com Gagnebin, para se projetar a vida para frente, para o futuro, é necessário rememorar, uma vez que, mais do que conservar o passado, tal ação “lhe assinala um lugar preciso de sepultura no chão do presente, possibilitando o luto e a continuação da vida”, pois “somente esse trabalho de rememoração e de narração, sob a égide da morte e do túmulo, permitirá, como diz Benjamin em *Rua de mão única*, esculpir uma outra imagem, a do futuro” (GAGNEBIN, 2014, p. 148).

É possível associar, dessa forma, a figura do médico, pelo menos na parte inicial da narrativa de Loyola, à memória involuntária, já que aquela remete à

incapacidade de o ser humano ter o domínio desta. É como se o médico representasse uma voz que trouxesse à tona a percepção de que o homem, num sentido mais abrangente, é constituído de memória, não só em seu aspecto físico (individual), mas social (coletiva), que se constrói com a ajuda do outro.

Outro ponto relevante do conto a se destacar é o fato de o homem que queria eliminar a memória dizer ao médico que, para se lembrar dos seus compromissos diários, bastaria registrá-los em uma agenda, conforme se verifica no diálogo do excerto, a seguir:

— Não é tão simples assim. Na vida diária, o senhor precisa da memória. Para lembrar pequenas coisas. Ou grandes. Compromissos, encontros, coisas a pagar, etc.
— É tudo isso que vou eliminar. Marco numa agenda, olho ali e pronto.

Nesse sentido, a personagem parece desejar ser o único agente de sua memória, excluindo, pois, a participação do outro em sua formação. Tarefa essa impossível, de acordo com o pensamento proustiano, visto que, para esse estudioso, o homem é um ser histórico e, como tal, sua memória é importante para a construção de sua identidade pessoal, coletiva e também ficcional.

A personagem do conto de Loyola, portanto, embora deseje eliminar de vez a sua memória, paradoxalmente, assume a importância dela no seu dia a dia, já que ela aceita a ideia de produzir memórias, ainda que voluntariamente, só que registradas no papel – no caso, em uma agenda. Dessa forma, o que a personagem parece mesmo desejar excluir não é a memória-hábito, mas aquela que surge involuntariamente, isto é, “aquela que lembra daquilo de que não quer lembrar, daquilo que lhe escapou, daquilo que não tinha dominado, mas de que tinha, justamente, esquecido” (GAGNEBIN, 2014, p. 233). Um intento sem muito sucesso, pois, como salienta Beatriz Sarlo, o passado está sempre iminente “como a nuvem insidiosa que ronda o fato do qual não se quer ou não se pode lembrar” (SARLO, 2007, p. 9).

Em outras palavras: se, por um lado, a personagem de Loyola vê na memória um obstáculo, que aflige e a aprisiona, por ser da ordem do “acaso” (cf. PROUST) e, por isso mesmo, não controlável (podendo, pois, suscitar lembranças boas e ruins do passado), a personagem de Borges sente na pele o fardo do excesso da memória por esta ser da ordem da totalidade, do apego demasiado aos detalhes, o que acaba impedindo Irineu Funes de “estar atento às ressonâncias que se produzem entre passado e presente, entre presente e passado”, conforme ponderou Gagnebin (2014, p. 240).

O conto de Loyola, assim como o de Borges remetem, pois, a um conhecido e estudado filme intitulado *Amnésia*, do diretor Christopher Nolan (2001), que

apresenta a história de Leonard, um homem que perdeu a capacidade de memorizar fatos recentes, após a sua mulher ter sido violentada sexualmente e assassinada. Norma Côrtes, ao resenhar o filme em questão, esclarece:

Após o estupro seguido do assassinato da esposa, homem perdeu a habilidade de memorizar qualquer acontecimento recente e iniciou uma saga de vingança. Não se tornara um completo desmemoriado; sabia quem era, lembrava-se do seu nome (Leonard), onde havia nascido e permanecera consciente do seu passado até o momento do acidente. O problema é que a partir daí virou um prisioneiro do presente. Vivia cada instante como se fosse o único, sendo incapaz de lembrá-los ou de concatenar a sucessão das suas experiências rotineiras. Sua memória não guardava coisa alguma por mais de uns poucos minutos. Condenado à vida vegetativa, Leonard perdeu a faculdade de dar sentido às suas vivências (CÔRTEZ, S/D).

O enredo do filme *Amnésia* parece descrever como a personagem de Loyola gostaria de viver, ou seja, prisioneiro do presente. Todavia, o homem que queria eliminar a memória, diferentemente da história de Leonard, desejava excluir todas as lembranças do passado, fato que não aconteceu com a personagem do filme, pois esta se lembrava de seu passado até o momento do acidente. Por outro lado, a história de Leonard também representa o estado vegetativo de Funes, pois este, assim como Leonard, foram condenados “à vida vegetativa”, porque perderam “a faculdade de dar sentido às suas vivências” – no caso de Leonard, por não conseguir guardar os acontecimentos na memória e, no de Funes, por se lembrar, detalhadamente, de tudo.

Outro ponto em comum existente entre o conto de Loyola e o filme é a forma de registro dos acontecimentos no tempo, uma vez que o homem que queria eliminar a memória menciona a agenda para exercer tal tarefa, enquanto Leonard busca apoio na máquina fotográfica e em outras anotações como suporte para o armazenamento de suas memórias. Entretanto, opostamente ao que se propõe a personagem de Loyola, que deseja utilizar a agenda para a organização de acontecimentos futuros, Leonard utiliza a fotografia para registrar os acontecimentos do passado:

O filme consiste neste imbróglio: o protagonista sofre de amnésia recente; quer encontrar os assassinos da mulher; e tenta superar sua deficiência mnemônica com a mesma obstinação que alimenta pela vingança. Para isso se impôs uma disciplina férrea e sistemática registrando todos os acontecimentos cotidianos. Munido de máquina Polaroid e caneta, ele fotografava a tudo e a todos, anotando qualquer pequeno fato que lhe acontecesse. Não satisfeito, adotou uma solução ainda mais

radical e tatuou no próprio corpo a sequência ordenada dos resultados da sua investigação. Pensava que através desse curioso sistema de notações supriria suas falhas de memória. Afinal, se o *continuum* do real lhe escapava, inventou um artifício que mantivesse e fixasse a ordem dos fatos (CÔRTEZ, S/D).

Há que se ressaltar, nesse sentido, o peso simbólico que possui a agenda no conto *Um homem que queria eliminar a memória*, uma vez que esse objeto representa o registro de ações organizadas em um tempo cronológico, oposto à memória involuntária, que é não cronológica e, por conseguinte, também fragmentada, imprevisível e constituída por “uma crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido” (HUYSEN, 2000, p. 20).

A narrativa de Loyola também abre espaço para reflexões acerca do papel do historiador, conforme se observa no diálogo que se segue:

- Se todo mundo fizesse isso, acabaria a história.
- E quem quer saber de história?
- Imaginou o mundo?
- Feliz, tranquilo. Só de futuro. O dia em vez de se transformar em passado de hoje, mudando-se em futuro. Cada instante projetado para frente.
- Não seria bem assim. Teríamos apenas uma soma de instantes perdidos. Nada mais. Cada segundo eliminado. A sua existência comprovada através de quê?
- Quem quer comprovar a existência?
- A gente precisa.
- Para quê?

A rejeição à história por parte da personagem parece justificar-se pelo fato de ambas, história e memória, remeterem ao passado, justamente a algo que ela deseja esquecer. Além disso, há a relativização da função do historiador, uma vez que o paciente do conto não vê utilidade em se comprovar a existência humana, tampouco em se valorizar a tradição de um povo.

Ademais, verifica-se que, no texto, utilizou-se o verbo “comprovar” para se referir ao papel da história, termo que parece inadequado em um contexto no qual a cientificidade da história passou a ser revista por alguns pesquisadores, principalmente, após a década de 70. Entre esses estudiosos, encontram-se Barthes (2004) e Hyden White (1992), por exemplo, que descrevem a história como ciência que se fundamenta na Poética e na Retórica, aproximando, pois, a narrativa histórica à literária, uma vez que ambas, mais que representar a realidade, reconstróem-na. Aliás, já dizia Lacan (1936), em seus estudos sobre o real e o imaginário, que o real não constitui,

propriamente, a realidade.

Sobre essa questão, Jacques Rancière (2011), em seu texto “O conceito de anacronismo e a verdade do historiador”, defende a ideia de que há sempre uma dissonância entre o homem e seu tempo, uma vez que todas as narrativas não coincidem com os fatos, havendo, pois, um anacronismo que pode ser em menor ou maior grau.

Também, acerca da relação entre história e memória, Gabnebin (2014, p. 238), à luz da teoria benjaminiana, acrescenta:

É em razão de sua *novidade* que as imagens surgidas da memória involuntária são tão preciosas. A história como disciplina que narra – portanto, lembra e interpreta – o passado, deve [...] articular o passado, isto é, desistir de descrever pretensos fatos e estabelecer uma *articulação* nova e inovadora com o presente [...]. ‘A História no sentido rigoroso é, portanto, uma imagem surgida da rememoração involuntária’.

Nesse sentido, a expressão “comprovar a existência”, utilizada pelo homem que queria eliminar a memória, parece não combinar com a tendência que considera a história e a memória duas vertentes que são atravessadas pela poesia. Aliás, em se tratando especificamente da memória, Benjamin assegura que “o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido da sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência” (BENJAMIN, 1994, p. 37).

Nesse viés, o que importam mais não são os fatos narrados e sim como eles são narrados, pois, como afirma Benjamin, “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos, encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1994, p. 37).

A título de exemplificação, cita-se aqui o filme *Valsa com Bashir*, do diretor Ari Folman, que conta a história de um homem que busca se lembrar de eventos traumáticos, especialmente dos massacres de Sabra e Chatila, durante a Guerra do Líbano, da qual participou como um dos soldados. Sobre a obra, Araújo (2010, p. 12) complementa:

Em sua busca, reencontra um velho amigo, que relata uma história em que pacientes de um experimento psicológico foram submetidos à observação de dez imagens de sua infância, sendo que uma delas era falsa. Nesta, uma montagem, a pessoa era colocada em um parque de diversões onde nunca esteve. 80% dos participantes reconheceram a imagem como legítima; os outros, que inicialmente não reconheceram a foto, ao serem questionados pelos pesquisadores, se lembraram da imagem, dizendo ter sido um dia maravilhoso com os pais: lembraram de uma memória falsa, fabricada – pela imaginação.

O filme, além de destacar a relevância do Outro para a construção da memória, intensifica o papel da imaginação nesse processo, já que esta é capaz de preencher as lacunas da memória, por meio de uma narrativa coerente.

De qualquer forma, tanto a memória quanto a história são execradas no conto estudado de Loyola. A personagem apresenta-se desencantada com o passado, de uma maneira geral, e é interessante enfatizar o poder de persuasão que possui, pois o homem parece ter convencido o médico a fazer em si a cirurgia de “extração da memória” e, não bastasse o médico que o atendeu ter aceitado o desafio, outro cirurgião se propôs a fazer a tal cirurgia também. Fato este que remete à passagem do conto em que o paciente argumenta que a inexistência de memórias seria melhor aos homens. É importante destacar que a palavra “homens” encontra-se no plural, representando, pois, a humanidade. Assim, a personagem parece desejar a ausência de memórias não só para si, mas para todos os indivíduos, ao que se poderia denominar como desejo de “ausência coletiva de memória”.

Imagine-se um médico operando o outro e eliminando suas memórias! É fato que estudos relatam que o dano ao hipocampo, órgão responsável pelo armazenamento da memória em longo prazo, pode conduzir à perda de memória e à dificuldade em se estabelecer memórias novas. Entretanto, certamente, a sátira está presente no conto de Loyola, a começar pela falta de coerência existente na possibilidade de um médico desmemoriado se lembrar de como proceder para fazer uma cirurgia – no caso, em seu amigo e colega de profissão. Claro que, se ao menos a memória voluntária fosse preservada, isso talvez fosse possível, já que esta é conhecida por ser a memória inteligente, mas essa já é outra história... Dessa forma, não se debruçará aqui em tentativas de se medir o grau de verossimilhança da narrativa em questão. O que importa é a sua contribuição para a compreensão de alguns conceitos a respeito da relação história-memória-ficção.

Em *Funes, o memorioso*, Borges parece sugerir que se prender ao passado, ter a lembrança perfeita impossibilita que se viva o presente, pois é a tensão entre um e outro que dá coerência ao vivido, e que, só assim, é possível se projetar para o futuro. Ademais, no conto de Borges, a memória total não concede descanso; pelo contrário, acabrunha o indivíduo. Numa interpretação mais abrangente, poder-se-ia dizer que, para o escritor argentino, é preciso esquecer para prosseguir, ou seja, é necessário se distanciar do passado para se mover propriamente pelo presente.

Por outro lado, em *Um homem que queria eliminar a memória*, Loyola parece sugerir que, por mais que o homem tente e queira, ele nunca se libertará completamente da memória, uma vez que dela ele é individualmente e coletivamente constituído. Assim, o conto parece insinuar ainda que o homem tem que aprender a

conviver com a dor que emana das lembranças felizes e ruins, já que sem ambas o indivíduo se torna uma pessoa sem tradição e sem história. Ademais, o sofrimento faz parte da existência e, por mais doloroso que ele seja, também ensina e humaniza. No entanto, numa outra interpretação, o texto de Loyola parece também criticar o excesso de valorização de memória que muito se tem visto nos últimos anos, num processo a que muitos se referem como “museificação da identidade”, sendo esta descrita por Benjamin como a memória “a serviço de uma vontade de acumulação” (cf. GAGNEBIN, 2014, p. 241) e que Freud define como compulsão para repetir, em vez de lembrar.

Logo, a lição que se depreende do conto de Loyola e do diálogo que se estabeleceu entre este e outros textos é a de que a memória é um assunto bastante interessante e, por ser a temática ampla e complexa, optou-se por explorar com maior peso a teoria proustiana acerca da memória involuntária no conto em análise (numa espécie de recorte teórico), estabelecendo relações, sempre que possível, com outras abordagens conceituais de estudiosos da memória, como, por exemplo, com o conceito benjaminiano de rememoração e de anacronismo de Jacques Rancière. Além disso, procurou-se observar o fio discursivo presente no conto de Loyola acerca do papel do historiador, comparando-o aos estudos correntes que demonstram que a narrativa histórica está mais próxima da poesia do que o historiador gostaria. Em relação à ficção, o que se conclui é que esta parece ser o elemento que preenche as lacunas deixadas pela fragmentação da memória e pelo anacronismo próprio da narrativa histórica, em que “passado remoto e passado próximo, passado e presente se misturam e a chamada ‘lógica das imagens’ é regida por associações significativas para o sujeito, mas nem sempre facilmente acessíveis a uma análise que busque nexos causais externos” (SÁ, 2000, pp. 99-100).

Enfim, a memória involuntária de Proust se alimenta de poesia e faz do passado material de sua obra de arte. E o que resulta desse arcabouço poético é que “somos aquilo de que nos lembramos” (BOBBIO, 2005), mas “somos também aquilo que decidimos esquecer” (IZQUIERDO, 2004). Porém, todas essas metáforas poderiam ser resumidas por meio de um verso de Adélia Prado, o qual parece representar bem o conceito proustiano de “memória involuntária” discutido neste trabalho, isto é, “o que a memória ama fica eterno”.

NOTAS

1 Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia. Docente no Instituto Federal do Triângulo Mineiro, campus Patos de Minas. E-mail: paulacristinaandrea@gmail.com

2 Este estudo foi desenvolvido como parte de avaliação da disciplina A narrativa e suas formas:

ficção, história e memória, ministrada pela prof^a doutora Joana Muylaert, no programa de pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia.

3 Não se pretende descrever, em detalhes, o enredo do conto Funes, o memorioso, tendo em vista que esse texto é uma das narrativas mais conhecidas de Borges, além de esta já ter sido objeto de estudo de um número considerável de pesquisadores, ao contrário do conto de Loyola que parece não ter sido, até o momento, estudado na academia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Memória. In: *Antologia Poética*. 65 ed. - Rio de Janeiro: Record, 2010.

ARAÚJO, Pedro. *Memórias fraturadas: passado, identidade e imaginação em Borges e Mutarelli*. In: Jornada de Estudos sobre romances gráficos. Brasília, 2010. Disponível em: http://www.gelbc.com.br/pdf_jornada/Pedro_Araujo.pdf. Acesso em: 30 jun. 2015.

ASSIS, Machado de. Verba Testamentária. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000242.pdf>. Acesso em 30 jun. 2015.

BARTHES, Roland. *O discurso da História*. In: O Rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. (1994) A imagem de Proust. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 36 - 49.

BOBBIO, Norberto. *Política e cultura*. Turim: Einaudi, 2005.

BORGES, Jorge Luís 1975. Funes, o memorioso. In: *Ficções*. São Paulo: Círculo do Livro, p. 109-118.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *O homem que queria eliminar a memória*. Cadeiras proibidas: contos. Rio de Janeiro: Codecri, 1984, p. 32-34.

CAMARGO, Flávio Pereira. *Marcel Proust e o triunfo da memória*. Espéculo (Madrid), v. 42, p. 01-08, 2009. Disponível em:

<https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero41/proustme.html>. Acesso em: 7/6/2015.

CÔRTEZ, Norma. *Amnésia, o tempo como construção*. Resenha do filme Amnésia (título original, Memento). Direção e roteiro, Christopher Nolan, EUA 2001, distribuidora Paris Filmes. In: Revista Espaço Acadêmico. Disponível em:

<http://www.espacoacademico.com.br/022/22ccortes.htm>. Acesso em: 30 jun. 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *O trabalho de rememoração de Penélope*. In: _____. Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 217-249.

GONDAR, J. & COSTA, LTDA. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*: arquiteturas, monumentos, mídias. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IZQUIERDO, Iván. *A arte de esquecer*: cérebro, memória e esquecimento. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

LACAN, J. (1998). *Para-além do princípio de realidade*. Em Escritos. Rio de Janeiro: Jorge, Zahar, 1936.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2. ed. Trad. Suzana Ferreira Borges. Campinas: UNICAMP, 1992.

PRADO, Adélia. *Para o Zé*. In: Vida e Poesia. Disponível em:

<http://www.vidaempoesia.com.br/adeliaprado.htm>. Acesso em: 30/6/2015.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Trad. Fernando Py. 3a Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004

RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade da história. In: SALOMON, Marlo (org). *História, verdade e tempo*. Chapecó, SC: Argos, 2011, p. 21-49.

SÁ, O. de. *A escritura de Clarice* Lispector. Petrópolis: Vozes, 2000.

SARLO, Beatriz. 2007. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG.

SOUZA, Eneida Maria de. *O século de Borges*. Belo Horizonte: Autêntica/Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.

WHITE, H. *Meta-história*: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Editora da Universidade se São Paulo, 1992.